

## **Análise da religião do brasileiro no Censo 2022: vieses e previsões não confirmados**

### **Analysis of Brazilian religious affiliation in the 2022 Census: biases and unconfirmed predictions**

Alexander Moreira-Almeida \*  
Daniel Salomão Silva \*\*

#### **Resumo**

Os resultados do Censo Demográfico 2022 revelam um perfil atual e confiável da religiosidade do brasileiro. Este artigo visa contribuir para o debate, trazendo aspectos metodológicos, contextuais e análise mais detalhada de alguns resultados, assim ajudando a aprimorar nosso entendimento da religião no Brasil e a minimizar potenciais equívocos interpretativos. Entre os temas abordados, destacamos previsões não confirmadas pelos dados, como a do grande crescimento dos sem religião; o cuidado com vieses nos estudos sobre religião, como nas expectativas sobre as religiões afrobrasileiras e evangélicas; o aparente decréscimo dos espíritas; e o efeito do comprometimento religioso na adesão e permanência do crente. Dessa forma, discutimos como preconceitos teóricos e vieses metodológicos podem ser identificados e minimizados, favorecendo o pluralismo teórico e o teste rigoroso das hipóteses. Além disso, a partir dos dados analisados, levantamos algumas hipóteses, que devem naturalmente ser testadas, aprimoradas ou refutadas com base em futuros estudos.

**Palavras-chave:** Censo Demográfico 2022. Religiões. Brasil. Raça. Evangélicos. Católicos. Espíritas. Umbanda.

#### **Abstract**

The results of the 2022 Demographic Census reveal an updated and reliable profile of Brazilian religiosity. This article aims to contribute to the debate by presenting methodological and contextual aspects, as well as more detailed analyses of some results, thus helping to improve our understanding of religion in Brazil and minimize potential interpretive errors. Among the themes involved, we highlight aspects not confirmed by the data, such as the significant growth of those without religion; the need to be careful with biases in studies on religion, such as expectations about Afro-Brazilian and Evangelical religions; the apparent decrease in spiritists; and the effect of religious commitment on the adherence and permanence of believers. In this way, we discuss how theoretical and methodological biases should be identified and minimized, favoring theoretical pluralism and rigorous hypothesis testing. Furthermore, based on the analyzed data, we raise some hypotheses that should naturally be tested, improved, or refuted based on future studies.

**Keywords:** 2022 Demographic Census. Religions. Brazil, Race. Evangelicals. Catholics. Spiritism. Umbanda.

---

Artigo submetido em 30 de agosto de 2025 e aprovado em 28 de maio de 2026.

\* Doutorado em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo. Professor Titular de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF. País de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-9135-2532. E-mail: jed\_alves@yahoo.com.br.

\*\* Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. País de Origem: Brasil. ORCID: 0009-0000-6566-7445. E-mail: suzana\_cavenaghi@uol.com.br.

## Introdução

Os estudiosos da religião no Brasil aguardavam com expectativa a divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022 para se obter um perfil atual e confiável da religiosidade do brasileiro. Após três anos, veio a público seu resultado preliminar, gerando frutíferas discussões. Este artigo visa contribuir para este debate, trazendo aspectos metodológicos, contextuais e análise mais detalhada de alguns resultados. Buscamos, assim, colaborar para aprimorar nosso entendimento da religião no Brasil e a minimizar potenciais vieses e equívocos interpretativos.

O método adotado foi o da análise comparativa, o que demanda algumas considerações sobre os dados comparados. Vale notar que este Censo reúne dados coletados entre 01 de agosto 2022 e 28 de fevereiro de 2023 (IBGE, 2025c), em geral, presencialmente (apenas 0.6% dos questionários foi preenchido pela internet e mais 0.6% por telefone) (IBGE, 2025f, p. 9). Ademais, é preciso cautela para se comparar com os Censos anteriores, geralmente feitos de 10 em 10 anos, pois, entre o Censo 2010 e o mais recente, o intervalo foi de 12 anos. Outra peculiaridade relevante é o fato de esta última coleta ter ocorrido imediatamente após a epidemia de COVID-19. A OMS decretou pandemia global em 11/03/2020 (OPAS, 2020) e o Ministério da Saúde do Brasil decretou o fim da “Emergência em Saúde Pública” em 22/04/2022 (GOVERNO FEDERAL, 2022). A coleta do Censo começou em 01/08/2022, pouco mais de 3 meses após. Sabe-se que os locais de culto estiveram fechados ao público durante os períodos de *lockdown* e muitos não haviam retomado plenamente suas atividades durante o período de coleta dos dados. Os diferentes grupos religiosos reabriram suas portas em ritmos diferentes, alguns demorando mais que os outros. Por tudo isso, ainda não está bem compreendido de que forma e intensidade a pandemia pode ter impactado a resposta dos brasileiros sobre sua religiosidade. Digno de nota é que pesquisa à época do início *lockdown* mostrou que a presença nos grupos religiosos era a atividade social que os brasileiros desejavam retornar mais rapidamente após o fim da quarentena (CNN BRASIL, 2020).

Merece também importante cuidado metodológico o fato de que os dados sobre religião disponíveis no Censo 2022 não sejam oriundos realmente de um

censo, que normalmente implica que toda a população (e não uma amostra dela) seja entrevistada. Dentre quase todos domicílios do país (95.8%) (IBGE, 2025g), foram definidos aleatoriamente os que responderiam ao questionário básico, com 26 itens, ou ao questionário da amostra, com questões sobre religião, dentre outros quesitos mais detalhados. O questionário com a única questão sobre religião foi aplicado a aproximadamente 10.6% dos domicílios (7.793.421, lembrando que apenas uma pessoa por domicílio responde) (IBGE, 2025f, p. 10). A estes, o IBGE perguntou “qual é sua religião ou culto?”, com exceção dos grupos indígenas, que responderam à questão “qual a sua crença, ritual indígena ou religião?” (IBGE, 2025a). Assim, os dados sobre religião do Censo 2022, na realidade, referem-se a uma amostra de aproximadamente 1/10 dos domicílios brasileiros.

Além disso, a interpretação desses dados deve ocorrer em diálogo com diversas áreas do conhecimento, entendendo que, nas suas várias dimensões, o fenômeno religioso é muito vasto. Como entende Sanchis (2013, p. 12), “o fato religioso revela uma complexidade que desafia a continuidade dos lugares comuns”. A religiosidade é um fenômeno complexo e, de um modo geral, explicações únicas simplistas estarão erradas ou pelo menos largamente incompletas, por mais sedutoras ou populares que sejam. Nesse sentido, a humildade intelectual torna-se uma virtude acadêmica fundamental.

A cautela com hipóteses explicativas é outra valiosa diretriz metodológica. Como seres humanos, temos a tendência a ser indulgentes e pouco rigorosos na análise de hipóteses das quais somos adeptos, mas especialmente críticos e hábeis em descartar precipitadamente as de que discordamos (Clark et al., 2023). Vale notar que qualquer pessoa com alguma criatividade consegue criar uma ou várias explicações para um dado, dar sentido ele. Também é relativamente fácil encontrar evidências que confirmem uma dada hipótese ou teoria, mesmo que falsa. O filósofo Karl Popper chamava esse procedimento de verificacionismo e propunha como solução a abordagem metodológica do falsificacionismo. Este é centrado na busca de potenciais evidências que potencialmente desconfirmem (falseiem ou falsifiquem) a hipótese. A boa teoria científica seria a que melhor resistisse às tentativas de prová-la falsa (Popper, 2007, p. 42).

Além disso, é recomendado especial cuidado com hipóteses formuladas à distância pelos pesquisadores, sem um contato direto com as pessoas que vivenciam as experiências religiosas em questão. Frequentemente nossas interpretações acadêmicas são criadas em nossa torre de marfim, a partir dos teóricos de nossa preferência e de nossos vieses pessoais.

O romancista russo Liev Tolstói, na proximidade de seus cinquenta anos, já como escritor de sucesso mundial, enfrentou forte crise existencial, chegando a alimentar pensamentos suicidas. Como narra em sua autobiografia (Tolstói, 2017), sem ver sentido na vida, passou a estudar profundamente várias religiões até retornar ao cristianismo, mas sob uma outra perspectiva, para além de uma reflexão teórica. Para ele, pensar sobre a dinâmica da religião apenas a partir de comportamentos e fatores externos, sem buscar entender a experiência religiosa profunda das pessoas, o que elas estão vivenciando, é como um surdo julgar a qualidade de uma sinfonia apenas pelo movimento dos músicos. Mesmo sem negligenciar o estudo acadêmico, os aspectos culturais, sociais e políticos, ignorar este aspecto é muito limitante.

Com frequência, são produzidas e apresentadas interpretações sem uma preocupação muito clara com o teste da adequação empírica das predições decorrentes da teoria (Chibeni; Moreira-Almeida, 2007). Embora a primeira etapa de qualquer estabelecimento de hipóteses esteja na criatividade do pesquisador, é fundamental que se passe para o teste rigoroso com base nos dados da realidade. Sabe-se dos potenciais vieses dos pesquisadores com relação às suas teorias preferidas, que geram pontos cegos na análise. Popper propõe a “crítica intersubjetiva” como um remédio para esse subjetivismo. Ou seja, devemos submeter nossos dados à análise crítica rigorosa de outros pesquisadores, idealmente de diferentes perspectivas teóricas. Assim, os pontos cegos da minha subjetividade seriam iluminados por outros pesquisadores, que possuem pontos cegos diferentes dos meus. Dessa forma, se alcançaria maior objetividade na ciência. Isso reforça a necessidade de liberdade e rigor intelectual, essenciais para a produção acadêmica e universitária, que ficam ameaçadas quando há uma hegemonia acrítica de certas teorias e intolerância a outras perspectivas (Haidt, 2016; Jaspers, 1959; Vanderweele, 2025). Estudos recentes têm apontado para

ocorrências de intolerância intelectual e até mesmo autocensura entre acadêmicos por receio de represálias institucionais e sociais em suas vidas pessoais e acadêmicas (Clark et al., 2024; Honeycutt, 2024; OGLOBO, 2025a).

Tendo em vista esses princípios, apresentamos análises e reflexões sobre os dados do Censo 2022 tornados públicos até o momento. Estamos cientes de várias outras propostas teóricas e explicativas muito relevantes para o entendimento da religiosidade e espiritualidade do brasileiro, mas que não são citadas no presente trabalho. No intuito de contribuir de modo mais efetivo nesse entendimento, este artigo busca enriquecer o debate, trazendo hipóteses, inferências e perspectivas que não são frequentemente consideradas. As hipóteses levantadas visam colaborar no complexo mosaico de ferramentas interpretativas da religiosidade do brasileiro, devendo naturalmente ser testadas, aprimoradas ou refutadas com base em futuros estudos rigorosos.

Na primeira seção a seguir, discutiremos alguns vieses comuns na pesquisa sobre religião, derivados de posições político-ideológicas. No seguinte, destacamos, a partir de alguns exemplos concretos, como esses vieses podem conduzir a previsões equivocadas. Nas seções 3 e 4 aprofundamos essa discussão em duas manifestações comuns da religiosidade brasileira, a afrobrasileira e a espírita. Por fim, discutimos a hipótese de que o nível de comprometimento religioso como fator de adesão à religião e de sua permanência nela seja possivelmente um fator mais relevante do que se tem habitualmente reconhecido.

## **1. Alguns vieses comuns na pesquisa sobre religião**

Dentro do espírito crítico que deve nortear a investigação científica, é de grande valia um esforço continuado de autocrítica, especialmente com relação a vieses e modismos no ambiente intelectual do momento. Naturalmente, não se pode esperar total neutralidade ou objetividade do pesquisador perante seu objeto, mas, consciente do peso das ideias pessoais na pesquisa, fundamental se torna buscar “maior neutralidade e objetividade possíveis”, embora “provisórias e relativas” (Silveira, 2018, p. 168).

Por exemplo, é comum um viés antirreligioso, mas pró-espiritualidade.

Enquanto a tradição religiosa instituída (especialmente a prevalente) é frequentemente vista como dogmática e fechada, composta por pessoas limitadas intelectualmente, a espiritualidade (especialmente a ancestral ou estrangeira), não vinculada a instituições religiosas, seria característica de pessoas mais “abertas”, liberais e “modernas”, sem radicalismos (Friedman, 2009; Yancey, 2023). Fenômeno relativamente recente, essa privatização ou individualização da religião, em que o indivíduo escolhe em que elementos religiosos acreditar, sem amarras institucionais, soa muito mais atraente sob o pensamento pós-moderno (Berger, 1985, p. 145; Sanchis, 2013, p. 13).

Contudo, sem entrar no juízo de valor sobre este modo de viver a espiritualidade, dados apontam que aqueles que têm uma espiritualidade individual, sem vinculação religiosa (chamados “*spiritual but not religious*”), tendem a apresentar pior saúde mental se comparados aos que têm sua espiritualidade ancorada a um grupo religioso (King et al., 2013; Vitorino et al., 2018; Maier, 2025). Em suas reflexões sobre a Modernidade, Berger (2017, p. 39) já apontava a concomitância dessa sensação de libertação das tradições com a solidão cada vez maior do indivíduo, “privado da firme solidariedade de sua coletividade”.

Também não é raro em certas análises um viés contrário às igrejas Católica e evangélicas, mas isento ou simpático aos sem religião ou vinculados a religiões orientais e afrobrasileiras. Para alguns, o fortalecimento daquelas religiões se deveria à ingenuidade dos fiéis e ao interesse suspeito de suas lideranças, mas o crescimento de outras refletiria o reconhecimento de identidades ou a libertação de condições opressivas (Nogueira, 2020, p. 30 e 127). Todavia, sem negar a existência de condutas abusivas e agressivas de certos grupos, posturas tolerantes ou intolerantes de certos adeptos não necessariamente representam o todo, nem explicam plenamente a dinâmica religiosa. Partindo de um ponto de vista generalista, que talvez reflita as próprias experiências negativas do pesquisador com determinados grupos religiosos (ou seus vieses teóricos, antropológicos ou de cosmovisão), corre-se o risco de uma análise enviesada.

Um terceiro exemplo destaca ainda como posições político-ideológicas podem afetar o rigor e a objetividade das investigações. Como registra Silveira

(2018, p. 178) em sua trajetória de pesquisa para o mestrado, quando investigou a Renovação Carismática Católica, foi incômoda a leitura de alguns livros sobre o tema. De acadêmicos renomados, os textos apontavam o caráter conservador e elitizado desse grupo religioso, mas também “alienador da consciência política”, “saído do ‘império’ para a periferia”, “tornando-se uma ‘erva-daninha””, “instrumento inibidor”, “freio à missão libertadora da igreja”, dentre outros julgamentos de valor inadequados a uma boa análise acadêmica. Afinal, sem autocrítica e problematização, “há sempre um problema metodológico: o dos vieses sem contrapontos, com poucas perspectivas” (Silveira, 2018, p. 178). Uma revisão recente analisou a perda cada vez maior de diversidade política e ideológica no ambiente acadêmico contemporâneo. É digno de nota que, entre todas as áreas do conhecimento investigadas, a de estudo das religiões foi a que apresentou maior disparidade entre professores de universidades de elite em relação à filiação política: para cada 70 democratas há apenas 1 republicano (Vanderweele, 2025).

Na mesma direção, o antropólogo Rodrigo Toniol (2025) escreveu sobre como a “crentefobia é um preconceito socialmente aceito” no meio intelectual. Nessa direção, em outros textos pode-se ver a associação de evangélicos ao desejo de implantação de uma “teologia política teocrática” e à “morte da democracia” (Passos, 2020, p. 1111 e 1130). Esse viés também aparece em sua associação irônica ao liberalismo de quando “as florestas derem lugar aos garimpos, às monoculturas e seus agrotóxicos e, principalmente, à boiada (que está a pedir passagem)” (Campos, 2020, p. 1184). Alguns destacam ainda que o “avanço das seitas evangélicas, com viés neopentecostal, alberga um tipo de perversão da normalidade tradicional”, “com suas características estafalárias, isto é, com traços nada habituais, extravagantes e exóticos”, não poucas vezes “de tipo ‘cristofascista”” (Pizzy, 2020, p. 1083 e 1095).

Parece que, por vezes, as explicações dadas para uma religião ou para outra, para um grupo ou para outro, tendem a ser mais positivas ou negativas dependendo do espectro ideológico do pesquisador. Ao analisar o enfraquecimento institucional de algumas tradições, Berger (2018, p. 20) já suspeitava disso ao destacar a oposição ingênua entre “o porta-voz da religião que tropeja contra uma era sem Deus” e “o intelectual ‘progressista’ que saúda sua

vinda”. Alguns destes últimos, por exemplo, têm concluído que os jovens estão abandonando a religião (Novaes, 2013, p. 188), o que não é evidente. Além disso, veem com mais simpatia adesões a religiões que parecem representar a valorização de determinadas culturas.

A história da ciência nos proporciona duros lembretes sobre a necessidade de humildade intelectual. Com frequência, previsões feitas por intelectuais e cientistas nos últimos séculos sobre religião e espiritualidade fracassaram fragorosamente (Moreira-Almeida, 2019). Talvez uma das previsões mais feitas e mais falhas do ambiente acadêmico tenha sido justamente a de que, ao longo do século XX, a religiosidade desapareceria por completo. As profecias deste desaparecimento foram feitas e repetidas exaustivamente desde o século XVIII por intelectuais enormemente influentes como Voltaire, Frederico o Grande, Thomas Jefferson, Feuerbach, Comte, Marx, Freud e muitos outros (Stark, 1999). Tão tardiamente quanto 1968, o já citado Peter Berger (1968) previu que “no século XXI, os crentes religiosos provavelmente serão encontrados apenas em pequenas seitas, reunidos para resistir a uma cultura secular mundial”. A realidade das décadas seguintes levou-o a rever sua posição e observar certa “redescoberta do sobrenatural” na sociedade (Berger, 2018, p. 223; Teixeira, 2013, p. 20). Ainda hoje, se pesquisas apontam para um esvaziamento das instituições religiosas em certos locais (como Europa ocidental), dados indicam sua expansão em outros locais e culturas (Sanchis, 2013, p. 13). Mesmo no Reino Unido, tem havido uma marcante ressurgência da religiosidade entre os mais jovens nos últimos anos (McCaller; Barward-Symmons, 2025).

O resultado global tem sido um declínio dos sem religião na população mundial, com previsões de uma queda continuada até 2060 (PEW, 2017). Logo, na busca do entendimento da dinâmica religiosa, é recomendável estar vigilante quanto às expectativas pessoais, evitando uma atenção reducionista a apenas um ou poucos aspectos. A realidade é sempre mais complexa e resiste a se encaixar em nossos modelos teóricos.

## **2. Previsões não confirmadas pelo Censo 2022**

Analisando os dados do Censo 2022, percebemos que algumas previsões

comumente feitas nas últimas décadas não foram confirmadas, as quais podem pelo menos em parte serem derivadas dos vieses apontados acima. Por exemplo, a ideia já citada de que haveria uma grande redução da religião e a de que o número de católicos seria brevemente superado pelo de evangélicos (Balloussier, 2020).

De fato, entre os Censos de 1872 a 2022 é evidente a diminuição da proporção de católicos. Se, no primeiro Censo, 99.7% se assumiam católicos, no mais recente foram registrados 56.7%. Naturalmente, essa diferença percentual tem migrado para outras denominações ou para os sem religião. Comparando com o Censo de 2010, identificamos novamente uma diminuição, agora de 8.4% na população (IBGE, 2025b, p. 31). Todavia, a previsão de ultrapassagem dos evangélicos já para a próxima década teve que ser revista. Em verdade, o contínuo crescimento dos evangélicos, que já representam  $\frac{1}{4}$  da população, tem desacelerado desde 2000 (Teixeira, 2013, p. 25; BBC BRASIL, 2025a). Ainda com menos da metade do número de católicos no Brasil, seu aumento foi de 21.6% para 26.9%, ou seja, em aproximados 5.3%. Isso garante ainda a maioria de cristãos no país (85,4%, incluindo os espíritas). Além disso, os católicos continuam sendo a maioria em todas as regiões (IBGE, 2025b, p. 32). Digno de nota é o fato de que a região com maior proporção de católicos é a Nordeste (63.9%), seguida da Sul (62.5%), mesmo com as grandes diferenças sociais e culturais entre elas.

Além disso, encontramos em certas análises a afirmação de que religiões mais conservadoras e com maior exigência moral gerariam um afastamento de fiéis, especialmente os mais jovens (BBC BRASIL, 2025b; OGLOBO, 2017). Contudo, a análise do Censo não parece apoiar esta hipótese, pois revela que a religião que mais cresce entre os jovens é a evangélica (IBGE, 2025b, p. 32). Esse crescimento, inclusive, é maior nas faixas etárias mais jovens. Na população entre 10 e 49 anos, os evangélicos têm maiores percentuais (27.5% a 31.6%) que entre os mais velhos (19.0% a 25.8%), com destaque para os menores de 14 anos (31.6%). Isso ocorre de forma similar entre os afrobrasileiros (0.8% a 1.2%) (IBGE, 2025b, p. 36), que também demonstram, em geral, certo rigor religioso (Prandí, 2013, p. 216; Duccini; Rabelo, 2013, p. 229). Contrariando também a

ideia de que os jovens estariam abandonando a religião, em nenhum grupo etário os sem religião chegam a 15%. Embora com presença relevante, sua proporção oscila entre 10.2% a 14.3% nas faixas entre 10 e 39 anos. Assim, parece ser impreciso afirmar que os jovens estão abandonando a religião, especialmente as de maior rigor moral. Voltaremos a esse tema à frente.

Outros dados indicam que um terço dos adolescentes frequenta grupo religioso pelo menos uma vez por semana. Essa é a atividade social não obrigatória (como a escola) mais frequente entre os jovens (Moreira-Almeida et al., 2010; FÓRUM, 2009). Também em sua pesquisa sobre trajetórias juvenis, Novaes (2013, p. 188) já havia destacado exemplos de jovens vinculados às mais diversas religiões, “para os quais a instituição religiosa tem grande importância, inclusive motivando formas de solidariedade e participação social”.

Em outra pesquisa, realizada recentemente em Juiz de Fora (MG), mais de duzentas crianças de 10 e 11 anos foram entrevistadas em escolas públicas e privadas. Foi pedido a elas que ordenassem as coisas mais importantes em suas vidas. A lista incluía escola, videogame, televisão, celular, brincadeiras, futebol, dentre outras coisas. As crianças classificaram Deus como o mais importante, seguido pela família. Quando perguntados sobre o que pensavam que os filhos marcariam, os pais não imaginaram que Deus estaria na liderança (Oliveira et al., 2025).

O Censo também possibilitou verificar o grau de precisão de pesquisas de opinião sobre religião no Brasil. Pesquisa realizada pelo Datafolha em 2022 (Balloussier, 2022), mesma época de aplicação do último Censo, gerou resultados bem próximos. Especialmente em relação ao percentual de evangélicos (28%, incluindo os adventistas, contra 26.9% do Censo), espíritas (2% contra 1.8% do Censo) e afrobrasileiros (1.2% contra 1% do Censo). Contudo, foi incorreto acima de sua margem de erro de 2%, subestimando os percentuais católicos (51% contra 56.7% do Censo) e superestimando os sem religião (12% contra 9.3% do Censo). Na verdade, contrariando as previsões de grande ampliação dos sem religião, se houve aceleração entre os Censos de 1980, 1991 e 2000 (1.8%, 4.6% e 7.0% respectivamente), o crescimento deste grupo se desacelerou entre os Censos de 2000 e 2010 (7.0% para 7.9%) e teve apenas discreta aceleração entre o de 2010 e

o de 2022 (7,9% para 9,3%) (IBGE, 2025e).

Vale também salientar que os sem religião formam um grupo muito heterogêneo (Sanchis, 2013, p. 14). Frequentemente se infere, equivocadamente, que os que se declaram sem religião são majoritariamente pessoas com visões ateístas ou materialistas, que não têm espiritualidade, crença em Deus ou outras de cunho espiritual. No entanto, pesquisas mostram o contrário, que muitos deles oram, admitem a existência de Deus ou declaram ter alguma espiritualidade. Pesquisa Datafolha de 2022 identificou que, dentre os 12% sem religião registrados, 89% acreditam em Deus. Assim, apenas um décimo dos sem religião seria de fato ateu (Balloussier, 2022). Logo, do total da população brasileira, apenas aproximadamente 1.3% não acredita em Deus. Outras pesquisas realizadas entre os Censos de 2000 e 2010 apresentaram resultados semelhantes (Novaes, 2013, p. 176 a 178). Estudo recente com amostra representativa da população brasileira, com quase dez mil entrevistados, mostrou que 96% dos brasileiros concordam que “Deus está no comando da vida” (OGLOBO, 2025b).

Além disso, alguns espíritas, por exemplo, por não considerarem o espiritismo uma religião (Lewgoy, 2013, p. 196), podem também se declarar sem religião, mesmo acreditando na existência dos espíritos e da reencarnação. Ademais, pais de religiões diferentes podem informar que o filho não tem religião, justamente por ainda não terem se decidido em qual mantê-lo. Dessa forma, seria interessante explorar melhor nos próximos levantamentos as características dos “sem religião”.

### **3. A religião dos pretos**

Merece também destaque o crescimento de 0.3% para 1.1% dos adeptos da umbanda, do candomblé e de outras religiões afrobrasileiras (IBGE, 2025b, p. 32), revertendo o decréscimo percebido nos levantamentos anteriores (Teixeira, 2013, p. 29). Embora numericamente o aumento seja em 0.8% da população, o percentual triplicou em relação ao Censo de 2010. Pesquisadores têm apontado que, devido ao preconceito contra as religiões afrobrasileiras, muitos de seus adeptos estavam ocultos nas rubricas “católico” e “espírita”. Contudo, um “novo clima de liberdade religiosa”, em que a tolerância e o respeito têm sido defendidos

abertamente (Prandi, 2013, p. 205), parece favorecer que parte dos afrobrasileiros que se declarava espírita ou católica tenha se sentido mais segura para identificar sua real confissão religiosa em 2022. Essa é uma hipótese que o Censo não consegue testar, mas que pode ser tema de futuras pesquisas que investiguem em profundidade o grupo que passou a se declarar de religião afrobrasileira. Com relação ao preconceito, pesquisa de 2004, apoiada pela UNESCO, traz dado interessante. Entre os jovens pretos entrevistados, os afrobrasileiros declararam que o maior motivo de discriminação sofrida se referia à cor pele, não à religião professada. Já os pentecostais, disseram ser sua religião (Novaes, 2013, p. 185).

Uma das hipóteses aventadas para explicar esse aumento dos adeptos das religiões afrobrasileiras tem sido a de que os pretos brasileiros estariam se identificando com suas raízes étnicas (Duccini; Rabelo, 2013, p. 232). Embora essa hipótese possa explicar parte do aumento, os dados sugerem que explicaria apenas uma menor parcela dessa migração religiosa. O Censo 2022 mostrou que a maioria desses religiosos não é de pretos, ainda que componham 23.2% de seus adeptos (acima da porcentagem de pretos no Brasil, de 10.7%). Quase metade são brancos (42.9%) e os pardos compõem 1/3 (33.2%) dos adeptos das religiões afrobrasileiras (IBGE, 2025b, p. 38). Comparando com 2010, quando o percentual de pretos era 21.2% (Prandi, 2013, p. 210), o aumento de sua presença foi pequeno. Em verdade, a análise dos últimos levantamentos destaca a presença ainda maior de brancos, mais especificamente entre os umbandistas (Duccini; Rabelo, 2013, p. 224).

Inferimos que, se o aumento dos brasileiros de religiões afrobrasileiras se devesse à identificação dos pretos com suas origens africanas, seria esperada uma maior presença de seus adeptos nos estados de maior percentual de pretos. No entanto, o estado brasileiro em que essas tradições estão mais presentes é o Rio Grande do Sul (3.2%), justamente o estado com maior porcentagem de brancos no Brasil (78.4%) e com uma das menores proporções de pretos (6.5%) (IBGE, 2025c). Também pode ser surpreendente o fato de que a Bahia, estado com maior percentual de pretos no Brasil (22.4% contra 10.2% no Brasil), tenha uma fração de adeptos das religiões afrobrasileiras (1%) abaixo da média brasileira e mais de

80% de cristãos (57% de católicos, 23.4% de evangélicos e 1% de espíritas, sem contar os sem religião que possam se identificar como cristãos) (IBGE, 2025c).

Segundo o Censo 2022, os pretos são o grupo racial onde as religiões afrobrasileiras atingem a maior proporção de adeptos, mas essas religiões são professadas por apenas 2.3% deles. A religião mais frequente entre os que se declaram pretos é a católica (49%), seguida da evangélica (30%) e espírita (1.5%). Assim, pelo menos 80% dos pretos são cristãos. Algo semelhante ocorre entre as populações indígenas, em que a maioria absoluta é cristã (75.4%) e apenas 7.6% são adeptos de tradições indígenas (IBGE, 2025b, p. 37), resultado semelhante ao do Censo de 2010 (Pissolato, 2013, p. 241).

O segundo grupo racial onde as religiões afrobrasileiras são mais frequentes é o dos brancos (1.0%), seguido pelos amarelos (0.8%) e os pardos (0.8%). Enquanto na população brasileira a maior proporção é de pardos (44.9%), entre as religiões afrobrasileiras a maior é de brancos (42.9%), seguida de pardos (33.2%) e pretos (23.2%). Além do predomínio de brancos, esse é o segundo grupo religioso no percentual de nível de instrução superior (25.5%), apenas atrás dos espíritas (48%) e bem acima da média nacional (18.4%) (IBGE, 2025b, p. 40). É também o segundo grupo com menor proporção de pessoas sem instrução e com fundamental incompleto (19.9%, bem menor que a média nacional: 35.5%) e o segundo maior com conexão domiciliar à internet (94.3%) (IBGE, 2025b, p. 40 a 42). Esses dados indicam que esse grupo não é composto prioritariamente por populações marginalizadas.

Ademais, temos por hipótese que esse conjunto de achados sugere que talvez a maioria dos brasileiros não pautou sua escolha ou migração religiosa por questões étnicas ou raciais. Por exemplo, um estudo recente, que investigou 1.053 pessoas em todo o Brasil, identificou que ter experiências espirituais foi um fator preditor de migração religiosa (Barros, 2024). Enfim, os dados revelados pelo Censo 2022 apontam para a necessidade de se explorar melhor os fatores que levaram a um aumento das religiões afrobrasileiras na última década. Para que nossa hipótese seja confirmada ou não, são necessárias pesquisas futuras.

#### 4. Diminuição dos espíritas

Na comparação com o último Censo, houve uma pequena redução dos espíritas, de aproximadamente 2,0% para 1,8% da população, uma queda em 0,2%. Entretanto, embora oscilante entre os anos 1940 e 1991, entre os dois levantamentos anteriores o crescimento havia sido de 1,3% (em 2000) para 2,0% (em 2010) (Lewgoy, 2013, p. 198). Como apontado antes, parte da redução dos espíritas declarados pode se dever ao fato de que adeptos de religiões afrobrasileiras tenham deixado de se declarar espíritas devido ao aumento da aceitação social de sua filiação religiosa.

Ademais, correlacionados aos níveis de renda e instrução mais altos entre os espíritas (IBGE, 2025d, p. 45 e 51), dados referentes à fecundidade apontam entre as mulheres espíritas o menor número de filhos entre os grupos religiosos. Enquanto a taxa de fecundidade no Brasil foi de 1,6 filho por mulher em 2022, entre os espíritas ficou em 1,01 (Poder 360, 2025). Isso nos parece contribuir para a menor presença de crianças e jovens nessa denominação (IBGE, 2025b, p. 36). Além disso, a partir dos Censos anteriores, estatísticas mais complexas apontam também redução progressiva da taxa de transmissão da religião dos pais para os filhos entre os espíritas de 1980 a 2010 (Almeida; Barbosa, 2013, p. 322), embora ainda não tenhamos esses dados relativos ao último Censo.

Por outro lado, a presença espírita no Brasil parece ser maior do que os dados de filiação do Censo revelam. Já em análises anteriores, especialistas perceberam certa “impregnação espírita da sociedade brasileira” (Teixeira, 2013, p. 28), “uma grande circulação de crenças espíritas em espaços não espíritas” (Lewgoy, 2013, p. 199) e sua “enorme influência cultural” (Mafra, 2013, p. 42). Nessa direção, segundo pesquisa do Datafolha (2007, p. 162), 44% dos católicos brasileiros acredita totalmente em reencarnação (uma crença basilar do espiritismo), 22% têm dúvidas e 35% não acredita. Isso nos convida ao cuidado com os dados do Censo, que não captam a múltipla pertença religiosa e a porosidade religiosa características do Brasil, bem como a presença de crenças diversas entre a população. No caso dos espíritas, esse decréscimo pode ser apenas aparente.

## 5. Comprometimento religioso

O nível de comprometimento religioso pode ser outro fator por trás do declínio dos católicos e espíritas perante o aumento dos evangélicos e afrobrasileiros. Rodney Stark, um dos principais sociólogos da religião no mundo, com mais de 200 artigos publicados internacionalmente, mas infelizmente pouco conhecido no Brasil, tem uma análise interessante sobre o tema. Sua obra *Why God* (Stark, 2017), um resumo de suas décadas de pesquisa, aponta que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, as religiões que exigem menos comprometimento, as que mais se conformam com as demandas mais frouxas do “mundo moderno”, são as que mais perdem fiéis. Embora aparentemente mais atrativas por serem flexíveis e “abertas”, com menores demandas morais, denominações protestantes com esse perfil nos EUA, na Europa e na África têm perdido fiéis sistematicamente. Por outro lado, aqueles grupos que ele denomina de “alta tensão religiosa”, que propõem uma abordagem mais rigorosa dos aspectos éticos, da relação com Deus, com o sobrenatural ou o espiritual tendem a crescer. Nesse sentido, segundo Stark (2017), as religiões florescem quando enfatizam o que difere das propostas seculares já existentes mundo, o que realmente trazem de novo à vida das pessoas.

O afrouxamento da obrigação religiosa pode também estar na causa da redução dos jovens espíritas. Talvez, na tentativa de se apresentar como algo mais moderno e atrativo, os centros espíritas estejam apresentando um espiritismo mais “*light*”. Isso foi identificado há mais de duas décadas pela antropóloga Sandra Stoll (2004), quando contrastou as propostas menos exigentes moralmente e mais em linha com ideais contemporâneos de autoajuda e autorrealização (personificadas no médium Luiz Antônio Gasparetto) e as de maior ênfase na moral e na vivência cristãs de caridade e renúncia (personificadas em Chico Xavier). Hipoteticamente, esse relaxamento pode ter levado o movimento espírita a uma condição de menor “tensão religiosa”, possivelmente tornando-o menos atrativo.

No Brasil, podemos observar esse maior nível de “tensão religiosa” e de envolvimento no movimento carismático católico, mas principalmente entre os evangélicos pentecostais. Mais uma vez, para além da associação do crescimento

evangélico a baixo nível de instrução ou a manipulação de lideranças, faz-se também necessário considerar a vivência cotidiana da religião. Vale lembrar que Orígenes (2004) registra que, já nos primeiros séculos do cristianismo, seu crescimento era muitas vezes atribuído pela elite da época à ação de líderes que manipulavam a fragilidade das massas. O cristianismo era desqualificado como uma atividade atrativa apenas para mulheres, escravos, crianças e ignorantes.

Na obra *The Triumph of Christianity*, Stark (2011) investiga a história do cristianismo desde sua origem, analisando o crescimento percentual estimado de cristãos ao longo dos primeiros séculos. Em sua análise, destaca que o impacto existencial profundo sobre as pessoas parece ter sido um fator relevante para sua rápida difusão por todo o Império Romano, até se tornar a religião predominante. Para o historiador Tom Holland, “tão profundo foi o impacto do cristianismo no desenvolvimento da civilização ocidental, que chegou a um ponto em que passa despercebido” (Holland, 2020a). Nessa linha de entendimento, é também muito útil sua obra *Domínio* (2022), que analisa em profundidade o quanto e como o cristianismo impactou a mentalidade ocidental, especialmente com a ideia de universalidade da dignidade humana, ou seja, de que todo ser humano tem uma dignidade própria que deve ser respeitada. Sob esse pensamento, os considerados pobres e fracos merecem compaixão e apoio, podendo ser mais dignos que os fortes e ricos. Para ele, “isto não existia na Roma anterior a Jesus, nem na Grécia, mas está na base de muitas das revoluções que houve séculos mais tarde” (2020b). Esses princípios teriam sido um fundamento essencial dos direitos humanos universais, bem como do combate ao infanticídio e à escravidão, e da melhoria da condição social das mulheres (Holland, 2020; Reale, 1997, p. 3 a 27).

Ao negligenciar os fatores intrínsecos à religião e à própria experiência espiritual, corre-se o risco de se buscar explicar o crescimento dos evangélicos apenas por questões políticas ou sociais. Embora sejam obviamente relevantes e devam ser levadas em consideração, é preciso também observar a vivência das pessoas que realmente estão envolvidas, de que forma aquela crença cristã ou mesmo experiências espirituais profundas impactam sua visão de mundo e suas vidas. Têm surgido estudos nesse sentido com grande potencial de enriquecer e aprimorar nossa análise desse crescente grupo social (Spyer, 2020; Balloussier;

Carvalho, 2024). Na mesma direção, interessante documentário sobre a abertura de uma igreja pentecostal no subúrbio do Rio de Janeiro mostra como uma pequena célula pode fazer diferença na condição social de todo um bairro (Salles; Corrêa, 2000). É o “irmão” que consegue emprego para o “irmão”, é a família que se reestrutura, é o filho que sai do vício e do crime, é a comunidade que se ajuda onde o poder público está ausente. Para melhor entendimento da dinâmica religiosa brasileira, seria de grande relevância entrevistar amostras representativas de pessoas que recentemente se tornaram evangélicas, adeptas de religiões afrobrasileiras, abandonaram a Igreja Católica ou passaram a se declarar sem religião. É preciso especial cautela com extrapolações para a população brasileira de conclusões baseadas em amostras reduzidas e muitas vezes não representativas da população alvo.

Há mais de 20 anos uma pesquisa investigou o uso de drogas entre jovens em comunidades carentes de São Paulo. O principal achado da pesquisa foi que a presença de uma família estruturada e religiosa, refletindo em jovens mais religiosos, foi o principal fator que diferenciava jovens usuários de drogas dos não usuários, embora ambos compartilhassem o mesmo ambiente de grande vulnerabilidade, expostos ao tráfico, à violência e à pobreza (Sanchez et al., 2004). Uma pesquisa mais recente, com mais de 500 pacientes com dependência grave de *crack* internados em todo o Brasil, observou que os que haviam participado ativamente de um grupo religioso na adolescência tinham metade da chance de terem se envolvido posteriormente com criminalidade e prostituição (Rezende-Pinto et al., 2018). Outro estudo, em uma amostra representativa da população brasileira a partir de 14 de anos de idade (n=4.608), mostrou que indivíduos vinculados a alguma religião, em comparação com os sem religião, tinham quase metade da chance de se envolver em brigas e quase três vezes menos chance de serem presos pela polícia (Gonçalves et al., 2020). Resultados e reflexões como essas são fortes indícios de que o interesse e o comprometimento com a religião podem ter fundamentos mais profundos.

## Conclusão

Vinculado ou não a uma confissão religiosa, temos sempre que lidar com o fenômeno religioso de alguma forma. Conversando com as pessoas,

caminhando pelas ruas, ou mesmo usando a internet, encontramos a religião presente nas falas, nos *slogans* e nas instituições que frequentamos. Naturalmente, lidamos com ela a partir dos próprios pressupostos e expectativas.

Acadêmicos, jornalistas e outros intelectuais não estão isentos disso, logo, como vimos, em seu papel de pesquisadores ou investigadores do fenômeno, carregam preconceitos e crenças. Contudo, sem a ilusão de uma possível imparcialidade absoluta, mas conscientes dos próprios vieses, temos a responsabilidade de minimizar distorções ou conclusões precipitadas a partir de ideias já sedimentadas.

Como vimos, há vieses político-ideológicos em conclusões e expectativas desfavoráveis a certas tradições religiosas majoritárias e favoráveis a religiões minoritárias ou espiritualidades desinstitucionalizadas, muitas vezes contrariados pelos dados. Por exemplo, expectativas de diminuição mais acelerada de católicos e de aumento acelerado dos sem religião não se confirmaram no Censo 2022.

Quanto às religiões afrobrasileiras, os dados sugerem que possivelmente a maioria de seus adeptos não pauta sua escolha ou migração religiosa por questões étnicas ou raciais, mas que outros fatores devem ser investigados, como experiências espirituais ou nível de comprometimento religioso.

Quanto aos espíritas, embora os dados indiquem diminuição, parece que o número anterior já era composto por religiosos de outras tradições, que se declaravam espíritas para fugir de preconceitos que têm sido atualmente combatidos. Entendemos como relevantes futuras pesquisas que possam avaliar isso. Ademais, observando a penetração de ideias espíritas na sociedade brasileira, parece-nos interessante a investigação sobre múltipla pertença religiosa, que pode revelar mais adeptos que o apontado pelo Censo 2022.

O nível de comprometimento religioso pode ser outro fator por trás do declínio dos católicos e espíritas perante o aumento dos evangélicos e afrobrasileiros. Entre os primeiros, por exemplo, pesquisas mostram que seu mais forte envolvimento traz benefícios de ordem espiritual, emocional, familiar

e mesmo social, o que pode justificar adesão e permanência. Ademais, por proporem uma abordagem mais rigorosa dos aspectos éticos e da relação com a religião, as tradições evangélicas parecem atrair mais fiéis ao enfatizarem o que difere das propostas seculares já existentes.

Enfim, dois cuidados metodológicos fundamentais são o pluralismo teórico (buscar ampliar as ferramentas explicativas) e o teste rigoroso da adequação empírica (buscar não apenas verificações, mas principalmente evidências potencialmente falseadoras das nossas hipóteses). A diversidade metodológica é essencial, com estudos qualitativos e quantitativos que, além de comportamentos e crenças, possam ajudar a entender a experiência religiosa profunda das pessoas, o que realmente surge de suas vivências.

## Agradecimentos

Agradecemos a Karin H. K. Wondracek e Humberto Schubert Coelho pela leitura e comentários sobre versões anteriores deste artigo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; BARBOSA, R. Transmissão religiosa nos domicílios brasileiros. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 311-328.

BALLOUSSIER, Anna V. Evangélicos podem desbancar católicos em menos de uma década. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BALLOUSSIER, Anna V. Datafolha: Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vaio-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BALLOUSSIER, Anna V.; CARVALHO, Paula. **O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos**. São Paulo: Todavia, 2024.

BARROS, M. C. M. et al. The Role of Spiritual and Religious Experiences in Religious Switching: a Nationwide Study in Brazil. **International Journal of Latin American Religions**, v. 8, p. 173-193, 2024. <https://doi.org/10.1007/s41603-023-00218-5>.

BBC BRASIL. Avanço evangélico perde força e outros 7 dados inéditos sobre religião no

Censo 2022. **BBC Brasil**, 6 jun. 2025a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crk2p5xrom70>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BBC BRASIL. Os desafios da Igreja Católica no Brasil que sucessor do papa Francisco enfrentará. **BBC Brasil**, 23 abr. 2025b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy8qlowp95qo>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BERGER, Peter. A bleak outlook is seen for religion. **New York Times**, New York, 25 abr. 1968. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1968/02/25/archives/a-bleak-outlook-is-seen-for-religion.html>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter. **O imperativo herético**: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. **Rumor de Anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 2018.

CAMPOS, Breno Martins. Evangélicos fundamentalistas e política: uma análise da conjuntura brasileira (2018-2019). **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1162, 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1162. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/23837>. Acesso em: 23 ago. 2025.

CHIBENI, S. S.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos "anômalos" na psiquiatria. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 34, p. 8-16, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700003>.

CLARK, C. J. et al. Prosocial motives underlie scientific censorship by scientists: a perspective and research agenda. **Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)**, USA, v. 120, n. 48, e2301642120, 2023. <https://doi.org/10.1073/pnas.2301642120>.

CLARK, C. J. et al. Taboos and Self-Censorship Among U.S. Psychology Professors. **Perspectives on Psychological Science**, USA, 2024.

CNN BRASIL. Brasileiro dá prioridade a igreja e salão de beleza no pós-quarentena. **CNN Brasil**, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasileiro-da-prioridade-a-igreja-e-salao-de-beleza-no-pos-quarentena/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DATAFOLHA. **97% dizem acreditar totalmente na existência de Deus, 75% acreditam no diabo**. Fevereiro de 2007. Disponível em: [http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/religiao\\_03052007.pdf](http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/religiao_03052007.pdf). Acesso em: 11 ago. 2025.

DUCCINI, Luciana; RABELO, Miriam C. M. As religiões afrobrasileiras no Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 219-234.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Projeto juventude e prevenção da violência**: primeiros resultados. São Paulo: FBSP, 2009. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/54>.

FRIEDMAN, H. Xenophilia as a cultural trap: Bridging the gap between transpersonal psychology and religious/spiritual traditions. **International Journal of Transpersonal Studies**, v. 28, n. 1, p. 107-111, 2009.

GONÇALVES, J. P. de B. et al. The effect of religiosity on violence: Results from a Brazilian population-based representative survey of 4,607 individuals. **PLoS ONE**, v. 15, n. 8, e0238020, 2020. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238020>.

GOVERNO FEDERAL. Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19. **Governo Federal**, 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>. Acesso em: 29 ago. 2025.

HAIDT, Jonathan. Two incompatible sacred values in American universities. **Hayek Lecture Series**, Duke University. YouTube, 15 out. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/Gatn5ameRr8?si=VfW2XMtdrMDpqrH->. Acesso em: 12 ago. 2025.

HOLLAND, Tom. O êxito do cristianismo está em que fez parecer que seus valores são universais. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 13 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597057-o-exito-do-cristianismo-esta-em-que-fez-parecer-que-seus-valores-sao-universais-entrevista-com-tom-holland>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HOLLAND, Tom. O cristianismo foi a revolução mais radical da história. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 24 jun. 2020b. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/600266-o-cristianismo-foi-a-revolucao-mais-radical-da-historia-entrevista-com-tom-holland>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HOLLAND, Tom. **Domínio**: O cristianismo e a criação da mentalidade ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2022.

HONEYCUT, N. **Silence in the Classroom**: The 2024 FIRE Faculty Survey Report. The Foundation for Individual Rights and Expression. Disponível em: <https://www.thefire.org/facultyreport>.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. 2025a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-Censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 8 ago. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: religiões: resultados preliminares da amostra. 2025b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102182>. Acesso em: 5 jul. 2025.

IBGE. **Panorama do Censo 2022**. 2025c. Disponível em: <https://Censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>. Acesso em: 13 ago. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: religiões: fecundidade e migração: resultados preliminares da amostra. 2025d. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca->

catalogo?view=detalhes&id=2102187. Acesso em: 13 ago. 2025.

IBGE. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência de Notícias IBGE**, 2025e. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 13 ago. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: características dos domicílios: resultados preliminares da amostra. 2025f. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102150>. Acesso em: 13 ago. 2025.

IBGE. País tem 90 milhões de domicílios, 34% a mais que em 2010. **Agência de Notícias IBGE**, 2025g. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37238-pais-tem-90-milhoes-de-domicilios-34-a-mais-que-em-2010>. Acesso em: 13 ago. 2025.

JASPERS, Karl. **The idea of the university**. Boston: Bracon Press, 1959. (Introduction & The search for truth and its relation to politics).

KING, M. et al. Religion, spirituality and mental health: results from a national study of English households. **Br J Psychiatry**, v. 202, n. 1, p. 68-73, 2013. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.112.112003>.

LEWGOY, Bernardo. A contagem do rebanho e a magia dos números: notas sobre o Espiritismo no Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 191-201.

MAFRA, Clara. O que os homens e as mulheres podem fazer com números que fazem coisas. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 37-48.

MAIER, John T. Why Are 'Spiritual' People So Unhappy? **John Templeton Foundation**, 21 abr. 2025. Disponível em: <https://www.templeton.org/news/why-are-spiritual-people-so-unhappy>. Acesso em: 12 ago. 2025.

McALLER, R.; BARWARD-SYMMONS, R. **The Quiet Revival**. Swindon, Reino Unido: Bible Society, 2025. Disponível em: <https://bible-society.directus.app/assets/3c454227-05e0-4ae6-aedc-67e2b452c83d>.

MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Arch. Clin. Psychiatry**, v. 37, n. 1, p. 12-15, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>.

MOREIRA-ALMEIDA, A. Explorando a Natureza das Experiências Espirituais. **TV NUPES**, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/Othr823Z9NM?si=qZBAIBDIeMqsrTku>. Acesso em: 12 ago. 2025.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 175-190.

OGLOBO. Igrejas diferentes atraem jovens evangélicos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/igrejas-diferentonas-atraem-jovens-evangelicos-21516757>. Acesso em: 23 ago. 2025.

OGLOBO. Metade dos universitários evita debater temas polêmicos no ambiente acadêmico aponta pesquisa inédita. **O Globo**, 10 ago. 2025a. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/08/10/metade-dos-universitarios-evita-debater-temas-polemicos-no-ambiente-academico-aponta-pesquisa-inedita.ghhtml>. Acesso em: 29 ago. 2025.

OGLOBO. Brasil no espelho. **O Globo**, 13 ago. 2025b. Disponível em: <https://gente.globo.com/brasil-no-espelho/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

OLIVEIRA, V. H. A.; DE SOUZA, M. H. F.; DELL, M. L. Religiosity and its Relationship with Happiness and Parenting Style in Young Adolescents. **Int. J. Lat. Am. Relig.**, v. 9, p. 318-338, 2025. <https://doi.org/10.1007/s41603-024-00277-2>.

OPAS (Organização Pan-americana de Saúde). OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. **OPAS**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004.

PASSOS, João Décio. Uma teocracia pentecostal? Considerações a partir da conjuntura política atual. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1109, 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1109. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/23152>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PEW RESEARCH CENTER. **The changing global religious landscape**. Pew Research Center, 5 abr. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2017/04/05/the-changing-global-religious-landscape/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PISSOLATO, Elizabeth. "Tradições indígenas" nos censos brasileiros. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 235-252.

PIZZI, Jovino. Efeitos patológicos do fundamentalismo: o religar como resposta à convivência saudável. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1082, 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1082. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/23695>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PODER 360. Taxa de fecundidade no Brasil é de 1,6 filho por mulher. **Poder 360**, 27 jun. 2025. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/taxa-de-fecundidade-no-brasil-e-de-16-filho-por-mulher/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afrobrasileiras em ascensão e declínio. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 205-218.

- POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- REALE, Miguel. **Questões de Direito Público**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- REZENDE-PINTO, A. et al. The effect of religiosity during childhood and adolescence on drug consumption patterns in adults addicted to crack cocaine. **BJPsych Open**, v. 4, n. 5, p. 324-331, 2018. <https://doi.org/10.1192/bjo.2018.25>.
- SALLES, João Moreira; CORRÊA, Marcos Sá. **Santa Cruz - O impacto social provocado por uma pequena Igreja Pentecostal na periferia do Rio de Janeiro**. YouTube, 26 jul. 2020. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=yGV4bfqN14w](http://www.youtube.com/watch?v=yGV4bfqN14w). Acesso em: 12 ago. 2025.
- SANCHEZ, Z. V. der M.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000100005>.
- SANCHIS, Pierre. Prefácio. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-16.
- SILVEIRA, Emerson S. Estudo de caso aplicado à religião: entre louvores, corpos e intersubjetividades. In: SILVEIRA, Emerson S. (org.). **Como estudar as religiões**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 161-205.
- SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.
- STARK, Rodney. Secularization, R.I.P. **Sociology of Religion**, v. 60, n. 3, p. 249-273, 1999. <https://doi.org/10.2307/3711936>.
- STARK, Rodney. **The triumph of Christianity: How the Jesus movement became the world's largest religion**. New York: HarperOne, 2011.
- STARK, Rodney. **Why God? Explaining religious phenomena**. West Conshohocken, PA: Templeton Press, 2017.
- STOLL, Sandra J. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp/Orion, 2004.
- TEIXEIRA, Faustino. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-35.
- TOLSTÓI, Liev. **Uma confissão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- TONIOL, Rodrigo. Crentefobia é preconceito socialmente aceito. **Folha de São Paulo**, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/04/cristofobia-e-preconceito-socialmente-aceito.shtml>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- VANDERWEELE, Tyler J. Intellectual and Viewpoint Diversity: Importance, Scope and Bounds. **Education Sciences**, v. 15, n. 12, 1592, 2025. <https://doi.org/10.3390/educsci15121592>.

VITORINO, L. M. et al. The association between spirituality and religiousness and mental health. **Sci. Rep.**, v. 8, n. 1, 17233, 2018. <https://doi.org/10.1038/s41598-018-35380-w>.

YANCEY, G. "Many of Their Beliefs Are Also Cruel": Religious Bias in the Study of Psychology. In: FRISBY, C. L. et al. (ed.). **Ideological and Political Bias in Psychology**. Cham: Springer, 2023. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-29148-7\\_10](https://doi.org/10.1007/978-3-031-29148-7_10).